

educar

PARA DESVENDAR SUA ÉPOCA

Edição Especial da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe | 2019

Como será o amanhã?

É dentro da escola que deve insurgir a esperança em uma educação comprometida com a liberdade, com a diversidade e com a paz. Esta edição especial da Revista Educar, um relato da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe fala disso e de muito mais. Confira.

**SINTEPE CUT
CNE**

“Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã. Por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua História. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se ‘descolonizasse’ cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos. Este é o dilema básico, que se apresenta hoje (...)”

PAULO FREIRE, em trecho extraído do capítulo Esclarecimentos, do livro “Educação como prática da Liberdade”, título que foi o tema da 14ª Conferência Estadual de Educação do SINTEPE. O texto foi escrito em Santiago, Chile, na Primavera de 1965.



Uma carta

Toda carta, qualquer que seja a sua razão de ser - uma paixão, um sentimento, um desabafo, uma revolta, um manifesto - espera uma resposta. Até uma simples história contada em primeira pessoa, em verso ou prosa, sendo carta, anseia por uma volta. Um retorno.

Uma resposta que, diga-se, não precisa ter forma de carta, necessariamente. Há mensagens que prescindem do papel. A bem da verdade, a função do papel, fundamentalmente, é registrar a mensagem. Fazê-la ir além de onde se possa escutar. Eternizá-la para que não seja esquecida, para que as palavras possam tocar alguém, provocar uma reação, motivar uma atitude. Uma ação transformadora de si, dos outros. Do coletivo.

Porque a carta, em sua essência, não é uma mensagem encerrada num pedaço de papel, no indivíduo.

Não tem uma nota só. É reflexão. É diálogo.

Esta revista é, portanto, uma carta. O registro da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Sintepe), realizada na cidade de Gravatá, Agreste do Estado, entre os dias 29 e 31 de agosto. Uma reunião em que os educadores, as educadoras e profissionais de educação buscaram, diante de um cenário nebuloso para a educação brasileira, compartilhar dúvidas e conhecimentos, desafios e lutas.

A Conferência foi vivenciada a partir do pensamento de quem fez da educação a sua missão de vida. Quem fez dos outros, dos mais simples aos mais eruditos, os seus “companheiros” e “companheiras” de caminhada. Quem fez das cartas um dos seus meios de expressão. Do diálogo, o caminho para o conhecimento: Paulo Freire.

Durante três dias, debatemos a educação tendo, como horizonte, um dos ideários do autor: “Educação como prática da liberdade.” Foram abordadas questões políticas intrínsecas ao futuro do ensino do país. A questão curricular, a violência nas escolas, questões de raça e etnia, de gênero, a laicidade na educação, a mudança no panorama econômico e social contemporâneos e as suas consequências para a educação.

Dialogamos sobre o passado, o presente e o futuro.

Por fim, é imprescindível destacar: esta carta, escrita por várias mãos, espera uma resposta. Uma resposta que construa uma sala de aula plural, acolhedora, viva. Que desconsidere os muros das escolas, reverbere em seu entorno, encerrando quaisquer formas de preconceito e intolerância. Uma resposta de resistência, insurgência, de luta constante e diária. Uma resposta em nome da educação, da liberdade, da democracia.

Direção do Sintepe

SINTEPE CUT CNE

Revista Educar
Publicação do Sindicato dos Trabalhadores
em Educação de Pernambuco.
Fundado em 26 de março de 1990.

Rua General José Semeão, Nº 39, Santo Amaro Recife-PE – CEP: 50.050.120 | (81) 2127-8866



sintepernambuco



sintepoeficial



sintepedigital

Presidente

José Fernando de Melo

Vice-Presidenta

Valéria Conceição da Silva

Secretaria Geral

Marinalva Gomes da Silva Lourenço
William Menezes dos Santos

Secretaria de Finanças

Uilson de Souza Macedo
Magna Katariny Oliveira de Moura

Secretaria de Formação Política e Sindical

Zélito de Oliveira Passavante
Diomedes Matias da Silva Filho

Secretaria para Assuntos dos/as Aposentados/as

Antônia Pereira Cavalcanti
Valéria Pereira de Oliveira

Secretaria para Assuntos Educacionais

Séphora Marinho Freitas
Maria Lúcia de Oliveira

Secretaria de Filiação e Patrimônio

José Agripino Pereira
Roza Maria Pedra Rica dos Santos Marinho Falcão

Secretaria para Funcionários(as) Administrativos(as) e Analistas Educacionais

Andréa Batista de Souza
João Alexandrino de Oliveira

Secretaria de Comunicação

Dilson José Marques Guedes
Vânia Maria Alves C. de Albuquerque

Secretaria para Assuntos do Interior

Francisco de Assis Maciel
Joana Maria Cavalcanti

Secretaria de Políticas Sociais

Paulo Ubiratan Vieira Silva
Ivan Rui Oliveira Costa

Secretaria para Assuntos Jurídicos e de Legislação

José Severino de Barros
Ronildo Oliveira do Nascimento

Secretaria para Assuntos de Gênero

Elisangela Barbosa Wanderley Bueno Aires
Jorgiane Araújo Ferreira Barbosa

Suplentes

Heleno Manoel Gomes de Araújo Filho
José Luciano Cavalcante Paz
Paulo Roberto Batista da Rocha
Leonildo Leal Gomes
Ivete Caetano de Oliveira

EXPEDIENTE

Assessoria de Comunicação: Tempus Comunicação

Endereço: Avenida Visconde de Suassuna, 865, Sala 306, Santo Amaro, Recife-PE. CEP: 50050-540 | (81) 3204-1741

Jornalista responsável: Jônatas Campos (DRT-PE 3411)

Edição: Marcel Tito e Jônatas Campos

Textos: Marcel Tito e Suellen Fernandes

Fotos: Agência Brasil, Agência Câmara, Arquivo Sintepe, Agência JCMazela

Projeto Gráfico e Diagramação: Luiz Henrique de Aristeu Almeida

Concepção da capa: Luiz Henrique de A. Almeida e Zélito Passavante

Sumário



Abrindo a discussão **8 e 9**



Abandono social **12**



Debatendo o currículo escolar **20 e 21**



Defendendo as nossas riquezas **26 e 27**



Preconceito, violência e Direitos Humanos sob a ótica da democracia e da educação **13 a 19**

Andarilhas e andarilhos da esperança **6 e 7**

Confrontando o discurso com a realidade **10 e 11**

Escrevendo para Paulo Freire **22 a 25**

O futuro da luta sindical **28 e 29**

Frutos do diálogo **30 e 31**

Todos os presidentes do Sintepe **32 e 33**

Gente em movimento **35 a 39**

Presença dos candidatos **34**

“Andarilhas e andarilhos da esperança”

Firmados no pensamento de Paulo Freire, educadores e educadoras pernambucanos debateram os rumos da educação estadual e nacional na 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe



Contemporâneo e amigo de Paulo Freire, Carlos Brandão convocou todos a uma insurgência diante do cenário nebuloso para a educação



Mais do que nunca, categoria precisa estar unida

Pela mesa, passaram mais de 50 pessoas. De cores, idades, sexos, raças distintas. Na plateia, havia mais. Quatrocentas, aproximadamente. Amplificando a pluralidade, a diversidade, a representatividade. Eram educadores, gênero que congrega os professores e demais profissionais de educação. Presentes na 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe, representando um universo ainda maior. Estavam em nome dos servidoras e servidores das escolas públicas do Estado de Pernambuco para dialogar sobre o futuro da educação no estado e no país. Estavam ali como andarilhas e andarilhos da esperança.

“Andarilho da esperança” é um dos títulos atribuídos ao patrono da educação brasileira, o pernambucano Paulo Freire, pelos seus “companheiros” de trajetória. Batismo derivado da sua obstinação por um projeto de educação libertadora, transitiva, democrática. “No dicionário Paulo Freire, a gente chamou-o de ‘Andarilho da Esperança’, porque ele sempre viajou muito, desde o exílio até depois, aqui no Brasil, sempre levando essa mensagem”, esclarece o professor Carlos Rodrigues Brandão, responsável pela Conferência Magna do encontro, que teve como tema o nome de uma das obras do educador: “Educação como prática da Liberdade.”

Brandão protagonizou o primeiro diálogo olho no olho do encontro. Durante o curto período de uma hora, abordou o tema Democracia e Educação Libertadora, exposição concebida em homenagem aos 50 anos da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Demonstrou a relevância dos escritos freireanos no contexto atual, marcado por um forte interesse mercantil sobre educação e o descompromisso com a sua capacidade de transformar as pessoas e, conseqüentemente, o ambiente em que habitam.

“Isso tudo está ligado a uma ideologia de colonização, que tem o controle de todas as esferas da vida. Estamos vivendo um momento em que o interesse do capital, da mercantilização, não está apenas na esfera da produção.

Está associado ao interesse de colonizar, ou seja, de controlar, trazer a privatização dos negócios, do mercado em todas as esferas da nossa vida. Todas!”, observou Carlos Brandão.

Insurgência

O cenário desfavorável não desanima Brandão. Ao citar os efeitos nocivos do atual contexto político-econômico à educação - falta de investimentos na educação pública, na pesquisa acadêmica, o sucateamento de escolas e universidades -, ele conclamou todos a uma “insurgência”. “Não basta a gente resistir, porque se resiste a uma coisa que a gente acha que não vai mudar. A gente tem que insurgir contra para transformar aquilo”, disse.

Uma insurgência que não necessariamente, reconhece, resultará em vitória. Por isso Brandão, em meio a tantas adversidades, em uma das tantas pausas reflexivas da sua explanação, disse: “Eu sou um cavaleiro da esperança!” Expressão que corrigiria, pouco depois: “Em vez de ‘andarilho’ eu coloquei ‘cavaleiro’. Logo eu, que nunca ando a cavalo”, brincou, reconhecendo em todos os presentes na 14ª Conferência do Sintepe, andarilhos e andarilhas da esperança.

“O que nos alegra é que você vê que os cenários políticos, tirando breves momentos na história brasileira, são sempre contrários ao que a gente deseja, ao que a gente prega, que é uma sociedade solidária, amorosa, fraterna, livre, inclusiva, com uma plena justiça social. E não essa democracia de fachada. Então você vê que nós nunca vencemos essa batalha, mas estamos aí. Então, eu acho muito tocante, vir a Gravatá, eu que estive em Garanhuns, em janeiro de 1964, num encontro parecido com esse, chegar aqui, 54 anos depois, e encontrar uma outra geração, toda uma outra gente que não conviveu com aqueles tempos. Que não conheceu Paulo Freire pessoalmente, mas que está aí, na mesma luta. Andarilhos e andarilhas da esperança!”



Professores chegam para a 14ª Conferência do Sintepe

Abertura política

Mais de 20 entidades estiveram representadas na mesa inaugural da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe, demonstrando a pluralidade e relevância do evento

A Conferência Magna do professor Carlos Rodrigues Brandão inaugurou, efetivamente, o ciclo de debates da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe. As linhas de apresentação do encontro, contudo, foram escritas um pouco antes. Traçaram o objetivo do encontro: discutir a educação de forma ampla, sob os mais variados vieses, indicando caminhos de resistência e “insurgência” para a retomada de um projeto de educação democrática, libertadora.

Desde o primeiro momento, ficou evidente o propósito do encontro: dialogar e refletir sobre angústias, experiências e conhecimentos na busca de horizontes para a educação. Vivenciar intensamente a imersão de três dias para emergir e semear a transformação da pessoa pela educação, seja em que ambiente for. “Tenho a convicção de que sairemos diferentes daqui”, anunciou o presidente do Sintepe, José Fernando Melo.

Melo comandou, ao lado da vice-presidente do Sintepe, Valéria Conceição, a “Mesa de Abertura Política”, que contou com 23 pessoas. Doze homens, onze mulheres. Pessoas de diversas entidades sindicais, estudantis, além de políticos ligados a educação e da coordenadora da Cátedra Paulo Freire do Centro de Estudos e Pesquisas Paulo Freire, Eliete Santiago, que, em suas breves palavras, alertou a todos para a responsabilidade do momento: “Educação como prática da liberdade não é título de um livro, somente. Não é a temática de uma Conferência. É o compromisso coletivo que nós educadores assumimos.”



Presidente do Sintepe, José Fernando Melo: “É importante sairmos daqui com subsídios para a luta.”



Vice-presidente do Sintepe, Valéria Conceição coordenou a mesa de abertura da Conferência

Compromisso que vai além da sala de aula. A necessidade de lutar pelo restabelecimento da democracia no país esteve presente nas breves palavras dos 23 presentes à mesa. Em especial no contexto educacional, que vem experimentando uma série de derrotas desde o golpe que resultou na saída de Dilma Rousseff da presidência da República, em 31 de agosto de 2016. Dois anos após a queda, os professores estavam juntos para discutir como reagir às intervenções maléficas do “governo” antidemocrático: as alterações no currículo do ensino médio, a censura aos professores imposta pelo projeto da Escola sem Partido, o congelamento dos investimentos em educação.

“É importante sairmos daqui com subsídios para a luta.” “A resistência começa agora, e a gente não sabe quando ela termina.” “Estamos precisando, mais do que nunca, praticar o pensamento de Paulo Freire.” “Educação como prática da liberdade para que o ser-humano não seja preso por suas ideias.” Frases recebidas com aplausos por quem sabe que se entregar nunca foi uma alternativa.

“O tema dessa Conferência é fundamental para o momento que vivenciamos. É preciso dar para as novas gerações uma educação de qualidade para que essa geração tenha capacidade de refletir, de se posicionar, tenha condições de continuar lutando e plantando a esperança, com diz Paulo Freire, de ‘esperançar’, de dias melhores, dias justos, dias fraternos para a classe trabalhadora brasileira”, destacou o presidente da CUT-PE, Paulo Rocha.



Confrontando o discurso com a realidade

Professores, estudantes e oposição questionaram fato de o Governo do Estado apresentar educação pernambucana como modelo para o país



Teresa Leitão criticou o método utilizado para aferir os resultados, baseado numa “proficiência estéril”

A proposta era fazer um diagnóstico da educação básica em Pernambuco. Democraticamente, com todas as vozes envolvidas. Professores, estudantes, Secretaria de Educação do Governo do Estado, representantes sindicais. Debate que resultou num choque entre o discurso oficial e a realidade. Entre um ensino de qualidade apresentado como regra, como um modelo invejado pelo país, e um ensino deficiente, sentido na pele por quem tem na exceção o privilégio de ter um local adequado para ensinar. O painel de exposição: “Diagnóstico da Educação Básica em Pernambuco” foi a mesa mais acalorada dos debates apresentados na 14ª Conferência de Educação do Sintepe.

Na mesa, estiveram presentes representantes da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), União dos Estudantes Secundaristas de Pernambuco (Uespe), Sintepe, Associação de Mães, Pais e Alunos das Escolas Públicas Municipais e Estaduais do Estado de Pernambuco (AMPA-PE), Secretaria de Educação e Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe).

Um dos pontos mais divergentes foi a nota do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). O índice avalia a qualidade do ensino em território nacional e coloca Pernambuco com nota quatro – o estado obteve essa nota em 2015 e repetiu o desempenho na avaliação mais recente, divulgada, coincidentemente, durante a realização da Conferência. O relatório avalia os ensinos fun-



Daniele Bastos representou a Secretaria de Educação no debate

damental (do 5º ao 9º ano) e médio no Brasil e tem como critérios a frequência do aluno em sala de aula e a evasão dos estudantes na escola.

O governador Paulo Câmara tem o indicador como uma das principais vitrines da sua gestão. Um modelo copiado por outros estados, alegam os gestores. A secretária-executiva de Educação do Estado, Daniela Bastos, foi a responsável por louvar os feitos da gestão na 14ª Conferência do Sintepe. Escalada para o evento, apresentou os programas implantados na gestão socialista. Falou do acesso de jovens ao ensino de idiomas e possibilidade de realizar intercâmbio em outros países; da ampliação de escolas de referência e técnicas; do auxílio a estudantes que ingressam em universidades públicas; e do aumento no número de aprovados em instituições superiores. Falou do lado bom. Do que muitos consideram exceção à regra.

A Regra

As vozes dissonantes ao discurso perfeito do Governo de Estado foram muitas. Os protagonistas da educação estadual foram unânimes ao alegar que falta investimento. Eles tecem críticas também ao modelo adotado pelas escolas e mencionaram também a Reforma no Ensino Médio e o Projeto de Lei Escola Sem Partido como fatores prejudiciais à educação no Estado.

Lene Correia, diretora de educação da União dos Estudantes Secundaristas de Pernambuco (UESPE), fez críticas à política de escolas integrais, que é, para ela, baseada num modelo de estímulo e resposta. “Nós não queremos que a juventude aprenda uma prova só por estímulo e resposta, só para ter uma nota boa. Queremos que a juventude aprenda para vida, seja consequente, conheça a si enquanto indivíduo capaz de lutar. Que tenha condições de se organizar. Só a partir daí ele poderá transformar a sociedade”, defendeu.

A deputada estadual Teresa Leitão (PT), membro da Comissão de Educação e Cultura da Alepe, endossou as críticas ao modelo de gestão pedagógica que preconiza metas e não dá suporte aos professores - principalmente aos de escolas integrais. “Eu sei de diretor que leva o computador para casa para fazer o trabalho do professor, numa aparente solidariedade. Na verdade, faz isso para alcançar os índices, porque eles têm relação com o bônus. O que você produz de conteúdo pedagógico nisso, a não ser a habilidade de manusear uma máquina? O Pacto (pela Educação) precisa ser feito, mas não pode ser um pacto baseado em uma proficiência estéril”, protestou a parlamentar.

SAIBAMAI

Referência?

Pernambuco tem mais de 300 escolas integrais em funcionamento, tidas como escolas de referência, conhecidas pela sigla EREM (Escola de Referência em Ensino Médio). Os profissionais presentes à Conferência, entretanto, questionaram a qualidade desses centros. Houve quem falasse em abandono e carências das mais diversas: de material escolar, equipamentos para práticas em laboratório, amparo ao docente para deslocamento, hospedagem e alimento para capacitação profissional. Outros aspectos suscitados foram a não convocação de professores concursados para suprir a demanda de docentes e a carência de políticas públicas concretas que assegurem o bom funcionamento, a qualidade, a diversidade e a pluralidade de ideias nas instituições de ensino.

Matrículas em queda

O Governo do Estado baseia-se em números para tecer loas ao ensino no estado. Esquece, contudo, de um índice importante. Segundo a Associação de Mães, Pais e Alunos das Escolas Públicas Municipais e Estaduais do Estado de Pernambuco (AMPA-PE), o número de matrículas no ensino médio diminuiu entre 2014 e 2017. “Trinta mil alunos sem matrículas. Está existindo uma evasão. Os nossos filhos, os nossos jovens estão indo para a rua para vender pipoca, sorvete, ovos, artigos do Paraguai, entrando no crime. E isso é porque falta oportunidade, falta de criatividade para se ensinar, para uma escola pública. Criatividade no seu projeto pedagógico, falta criatividade do Governo do Estado, principalmente para dar condições para todas essas áreas”, examinou Alexandre Queiroga, presidente da AMPA-PE.

Abandono Social

Investimento em políticas públicas vem sofrendo cada vez mais cortes, o que pode levar o país e o estado a um colapso social

De 2002 até o início de 2014, o Brasil viveu um momento econômico favorável, sobretudo pelas políticas adotadas pelo governo federal. E Pernambuco seguiu o ritmo desse crescimento nacional que, mesmo em tempos de crise, experimentando alguns recuos, manteve-se positivo. Estabilidade interrompida com a queda do governo democrático. O impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, iniciou um processo de rápido abandono das políticas sociais, que tende a se agravar.

A alteração do panorama socioeconômico do país foi apresentada na 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintep pela economista Tânia Bacelar. De forma clara, Tânia elucidou as peculiaridades da crise econômica mundial, que no Brasil vem sendo utilizada como cortinado para a promoção de reformas em setores prejudiciais sobretudo às classes mais pobres, como educação e saúde, em detrimento dos interesses privados relacionados à indústria, agronegócio, mercado financeiro etc.

Nesse sentido, um dos pontos mais criticados pela economista foi a aprovação da PEC dos gastos públicos, que veda o aumento real dos gastos do governo federal. “Essa Emenda Constitucional não se sustenta num país como o Brasil. Não vai dar para passar 20 anos com essa medida. A população brasileira está envelhecendo. Quanto mais ela envelhecer vai precisar de serviço de saúde. Aí como é que você bloqueia o gasto com saúde, bloqueia o gasto com educação? Todo mundo diz que a educação é a salvação do país, aí você bloqueia os gastos com educação. É uma incoerência”, disse.

Tânia reconhece que é preciso equalizar os gastos públicos. Não é algo, contudo, que pode ser feito observando apenas a variável das despesas com os gastos sociais. É preciso observar a conta como um todo, principalmente as receitas. “O que eles fizeram foi colocar uma camisa de força nesse pedacinho da conta, que é o que financia as políticas públicas, que é o que financia a previdência, a educação, é o que financia a saúde, ciência e tecnologia. E o resto da conta não é discutido. Não discute a receita. Só equaciona pelo lado da despesa”, critica.

Pernambuco

Numa análise específica de Pernambuco, Tânia Bacelar destacou que o estado conseguiu resistir à crise em alguns setores, em especial porque aproveitou bem o momento de ascensão. Contudo, enfrenta e enfrentará severos problemas. Um deles exatamente relacionado à questão previdenciária, que já pressiona das contas públicas.

“No governo do Estado, o problema é a previdência. A pressão das contas públicas já está crescendo. Pernambuco tem um histórico de servidores (quantidade) que vai se aposentar um dia, e isso gera uma perspectiva de gasto”, ressaltou a economista.

Outro problema que o Estado já vem enfrentando está relacionado ao desemprego. Atualmente, a média do estado considerando a taxa de desocupação de pessoas com 14 anos ou mais é superior à média da Região Nordeste. Na capital, o problema é sentido ainda mais intensamente. A escalada do desemprego na Região Metropolitana do Recife fez a capital pernambucana superar os números de taxa de desocupação de Fortaleza e Salvador.



Tânia Bacelar fez uma análise do momento crítico que o país atravessa, relacionando a economia com a política

O que há de pior em nós

“Ninguém é racista. Você pergunta assim: você já viu, já presenciou um caso de racismo? A grande maioria das pessoas vai dizer que sim, mas nunca foram elas que praticaram. É impressionante. O racismo é um fenômeno que acontece, assim, deve ser um espírito que vem e discrimina as pessoas, porque apesar de existir racismo, ninguém é racista no país.”

A negação do que somos agride o óbvio. Fere e subjuga quem há anos é tratada de modo diferente por ser negra, por ser mulher, por ser homossexual, travesti... É uma negação que afirma o preconceito em seu pior nível de indiferença. O preconceito imperceptível, praticado diariamente de forma natural, o que só nos mostra como, de fato, somos: racistas, misóginos, homofóbicos.

Durante a 14ª Conferência Estadual de Educação do Sin-tepe, a abordagem do tema levou a uma reflexão profunda sobre os atos cotidianos impregnados de preconceito. Sobre a necessidade das educadoras e educadores enfrentarem as mordças e combater tais práticas. Sobre a utilização política dos corpos dos excluídos. Sobre a necessidade de começarmos a mudar esse cenário a partir de nós mesmos.



O Corpo Negro

A frase que abre esta reportagem, que nega e afirma o preconceito, é da professora Denise Botelho, da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco. É mais do que uma voz. É um corpo, uma raça, uma sexualidade que afronta a hipocrisia de uma sociedade ensinada a vê-la como alguém de menor valor. Ou, simplesmente, não ver. Ignorar.

Como acontece e aconteceu com a professora. Atingida pelo racismo que “não é racismo.” “Esse tratamento desigual das pessoas significa, por exemplo, que eu estou na universidade, chega alguém na minha sala e, por mais que eu esteja à frente da sala, ela vai perguntar: ‘Quem é a professora?’ Porque, habitualmente, eu não tenho o perfil da professora universitária. Habitualmente, a perspectiva da professora universitária não é uma negona de cabelo duro e roupas coloridas. E ainda com um monte de balangandãs no pescoço! Não é esse. O corpo que manda não é o corpo dessa mulher negra. E está subentendido que essa mulher negra tem os seus lugares na sociedade brasileira, que eu não preciso dizer quais são, afinal de contas, a ‘Rede Bobo’ faz questão de nos mostrar a todo instante qual é o lugar dos negros e, em especial, das mulheres negras na sociedade brasileira. Mas a gente jura que o país não é racista.”

Palestrante da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe, Denise abriu a mesa de debates “Violência nas Escolas e Direitos Humanos”. Analisou e levou todos a uma reflexão sobre as manifestações do preconceito na sociedade, na política, nas escolas. Alertou para uma negação oblíqua do racismo, enquadrado modernamente como bullying. Enraizou a questão na falta de humanidade diante do “outro” e fez um pedido às educadoras e educadores presentes: “Não silenciem! Lutem diariamente contra todo e qualquer preconceito.”

Confira alguns tópicos abordados pela professora em sua palestra.

Desumanização

“Muitos dos problemas que nós encontramos hoje, de violência, ou como a modernidade tem chamado o que ocorre nas escolas, de bullying, tem a ver com o fato de nós não reconhecermos no outro a humanidade dele. Nessa perspectiva, vou fazer uma referência a Paulo Freire, que nos diz o quão é importante que a gente supere qualquer tipo de prática preconceituosa existente em sala de aula, porque isso ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. E o que ocorre quase sempre é que nós criamos nossas políticas públicas, nós criamos as nossas políticas educacionais em cima de uma não sensibilidade para esse outro. Quase sempre o outro que é diferente não me atinge, não me sensibiliza.”



Denise Botelho levou o auditório a um momento de reflexão sobre o preconceito que desumaniza as pessoas

“Eu tenho um projeto de educação intercultural. Esse projeto precisa promover a iniciação social, desenvolver a igualdade e fortalecer o combate ao racismo. Essa deveria ser uma prática natural de todos nós educadores e educadoras, mas é assim que acontece?”

Relações de Poder

“Todos nós estamos mergulhados em relações de poder. Todos nós! Isso serve para quê? Para controlar os corpos, serve para controlar a subjetividade, serve para controlar o trabalho. E essa relação de poder se dá na sociedade brasileira em relação a negros, indígenas etc. por parte do grupo hegemônico. Que grupo hegemônico é esse (qual o perfil): homem, branco, heterossexual, cristão e letrado. O que estiver na oposição, muito provavelmente vai estar em situação de exclusão. E eu, Denise Botelho, uma mulher negra, lésbica, professora universitária, sou a exceção da exceção. Eu sou quase um fenômeno social. (...) Toda ordem econômica toda ordem ideológica, ela vai criar um sistema denominação de divisões. Criou-se no Brasil, nessa perspectiva das relações étnico-raciais, uma superioridade do grupo não negro e uma inferioridade do grupo negro.”

Representatividade

“A população desse país soma entre o que o IBGE chama de pretos e pardos quase 54% da população, que nós, dos movimentos sociais, chamamos de negros. Eu não estou falando de meia dúzia de alunos ou docentes. Eu estou falando de mais da metade da população brasileira. Inclusive olhem-se: a docência é um dos lugares onde mulheres e homens negros habitam, mas dificilmente nós estamos sendo habilitados ou habilitadas para a prática das relações étnico-raciais inclusivas.”

“Se nós observarmos, todas as pessoas que passaram por essa bancada aqui hoje, nós podemos quantificar quantas pessoas negras, quantas mulheres negras estiveram aqui. Será que num país onde 54% da população é composta de mestiços, de negros, de indígenas, isso é tão tranquilo na conferência Estadual de Educação?”

Identidade como “xingamento”

“É muito significativo quando um aluno chega para uma professora ou para o professor e diz assim:

“O menininho me xingou de preto ou de negro”. Quando eu escuto, em algum relato, um professor dizendo: ‘Ah, eu não sei como trabalhar isso’... Não sabe mesmo, porque, se soubesse trabalhar, a denominação preto ou negro não seria xingamento, seria só uma identidade. Uma identidade de pertencimento étnico-racial. Quando preto, pardo, negro se torna xingamento, nós não estamos cumprindo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). A LDB, que é a legislação educacional máxima desse país, que funciona para vários segmentos, mas para indígenas e negros, não. Para a comunidade LGBT então....”

“Muitas das vezes essa negritude agrega outras vulnerabilidades. E quando agrega outras vulnerabilidades, esses alunos vão ficando em situação de muito desconforto. Muitas vezes a nossa evasão dentro do espaço escolar tem um nome. Esse nome chama-se racismo.”

Política hegemônica

“O Brasil tanto é assim (racista) que permite que um candidato à presidência da república vá para a televisão dizer que quilombola não serve nem para procriar. Eu não preciso nem enumerar a quantidade de preconceitos e estigmas que estão postos nessa candidatura. E essa candidatura não é impugnada pelo Tribunal Eleitoral. ‘É a opinião dele, todo mundo tem livre arbítrio. É tudo natural.’ Eu gostaria de saber se essa atitude fosse posta a outro grupo, ao grupo hegemônico, se as coisas estariam tão normais ou tão naturais assim. É claro que não!”

Ausência de afetos

“Não tem nada mais perverso no espaço educacional do que um aluno não receber um afago, um incentivo, um tapinha nas costas, como os outros coleguinhas que cotidianamente ele vê receber. Então os afetos e rejeições às vezes educam muito mais do que os conteúdos que nós passamos. Ou melhor: a ausência dos afetos.”

Romper as hierarquias

“Nós precisamos descolonizar o conhecimento. O conhecimento que nós herdamos, que é esse conhecimento disciplinar, ele cria hierarquia entre as pessoas. Nós precisamos desconstruir isso para trazer novas possibilidades. Principalmente em diálogos horizontais dos saberes. Enquanto nós estivermos verticalizando os saberes, nós não vamos valorizar nem negros, nem indígenas, nem populações minoritárias.”

O Corpo Mulher

As portas abertas durante os tempos democráticos voltaram a se fechar para as mulheres, que revivem um período de extrema violência e exclusão dos círculos decisórios

Assim como acontece com os negros, o preconceito de gênero que atinge as mulheres também é minimizado pela sociedade. Porém, indiscutivelmente não só existe como, na onda antidemocrática, evoluiu. As estatísticas de feminicídio são crescentes. Os episódios de misoginia se multiplicam acalentados pela impunidade. Acompanhando tudo isso, a involução do protagonismo feminino, que veem os espaços conquistados serem retomados pelos homens.

Secretária de Relações de Gênero da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e presidente da Central dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil no Amazonas (CTB-AM), Isis Tavares fez analisar, durante a 14ª Conferência dos Trabalhadores em Educação do Sintepe, a violência política de gênero.

“A violência política de gênero é aquela que é feita para impedir as mulheres de estar nos espaços com poder de decisão. Seja ele o parlamento, seja ele o sindicato, seja ele associação, seja nas universidades. Ou seja, deixar a mulher na periferia do poder”, afirmou ela, relacionando o estado crítico ao golpe de 2016, sentenciado justamente com o impeachment da primeira mulher eleita presidenta do Brasil, Dilma Rousseff.

Impeachment que, na ótica de todos os debatedores da Conferência, foi misógino. Teve, como uma das suas razões, o fato de o comando da nação ser exercido por uma mulher. Em sua explanação, Isis destacou capítulos vergonhosos do processo, golpes deferidos contra Dilma que, notoriamente,

tinham o intuito de desqualificá-la pelo fato de ser mulher. Quando vincularam a sua imagem, por exemplo, a ideia de uma pessoa desequilibrada, um exemplo claro de *gaslighting*, que é “quando o homem tenta classificar a mulher como louca, nervosa”, explica Isis (ver quadro nesta matéria).

“É exatamente isso, é desconstruir a imagem de uma mulher que está numa representação muito importante. Foi o que aconteceu com a presidenta Dilma. Eles precisaram destruir a imagem dela (Dilma) como uma mulher competente para estar naquele cargo para dar o golpe que deram no nosso país”, acrescenta.

Involução

Isis lamenta o cenário de involução. E faz isso ao reconhecer que o Brasil vivia, antes do golpe, um momento de reconhecimento da importância e relevância do protagonismo feminino na sociedade. “Nós conseguimos crescer bastante desde o primeiro ano do governo Lula. Por que, companheiros? Porque a gente só cresce em épocas de democracia. Quando existe democracia, as mulheres crescem. O direito das mulheres negras, LGBTQs, o direito das minorias passa a ter um pouco mais de valorização”, afirmou.

“Nós tivemos um boom de movimentos de mulheres, coletivos de cultura, mulheres aparecendo em tudo quanto foi lugar e tal... Isso se refletiu no número de mulheres que se candidataram? Não. Porque essas mulheres que estão aí, fazendo história, porque elas não se filiam a um partido político? Por que elas não se candidatam? Tem ‘n’ questões aí para a gente começar a entender”, finalizou.



Ísis Tavares enfatizou o preconceito de gênero e citou inúmeros exemplos de práticas que buscam reduzir o papel feminino na sociedade

SAIBAMAI

Os termos do preconceito

MANTERRUPTING

É a junção de dois termos em inglês: “man” – homem – e “interrupting” – interrupção. Ocorre quando a mulher não consegue concluir a sua frase porque é interrompida pelos homens ao seu redor, não permitindo que ela conclua a sua frase. “Ocorre o *manterrupting* em todas as vezes que a gente (mulher) vai falar é interrompida por um homem”, explica Ísis.

BROPRIATING

A expressão junta os termos em inglês “bro” - que é uma redução de “brother” (irmão). É algo como “mano” – e “appropriating” - apropriação. Ocorre quando o homem se apropria da ideia de uma mulher. “Você está numa reunião, aí você tem uma ideia e quando começa a falar,

alguém te interrompe. Aí no final, um homem pega a sua ideia e apresenta como dele”, explica Ísis.

MANSPLAINING

É a junção das palavras em inglês “man” – homem – com “explaining” – explicar. Caracteriza-se quando um homem quer ensinar a uma mulher, de forma didática, algo que ela já sabe, como se não fosse capaz de entender sozinha por ser uma mulher.

GASLIGHTING

A expressão deriva do termo em inglês “gaslight”, que, numa tradução livre, é a luz produzida a partir de um gás. E caracterizado quando o homem tenta classificar a mulher como louca, nervosa, para desqualificá-la.

Revista Mulher

Em 2009, a Secretaria de Gênero do Sintepe lançou a Revista Mulher, que abordou questões de gênero no contexto dos oito anos da entrada em vigor da Lei Maria da Penha. O objetivo era suscitar o debate e levá-lo para as escolas. Foram abordados na edição temas ainda atuais, como a implantação da paridade entre homens e mulheres nos espaços de poder, reflexões sobre a saúde da mulher, o Movimento Mães pela Igualdade, além de estatísticas sobre a violência contra a mulher. A revista ainda pode ser consultada através do link:

<http://issuu.com/revistamulhersintepe/docs/revistamulhersintepepreview.final>



Corpo, sexualidade, fé e relações de poder

Para Roberto Éfrem, é preciso parar de enxergar as questões de gênero, raça e sexo como secundárias no espaço político brasileiro



Roberto Éfrem criticou a instrumentalização da religião com interesses políticos

No enfrentamento aos preconceitos e estigmas realizado na 14ª Conferência de Educação do Sintep, coube ao professor Roberto Éfrem, da Universidade Federal da Paraíba, discorrer sobre o tema “Educação Laica e LGBT”. Em tom crítico, descortinou o viés equivocado que enxerga a sexualidade, gênero e raça como questões secundárias da sociedade, à parte de uma temática principal composta pela política e economia, governo e estado. Tratou ainda da apropriação nociva da religião por parte de uma bancada eleitoreira interessada em crescer em representatividade e expor pautas excludentes.

De acordo com o professor, relegar as temáticas relacionadas à sexualidade, ao gênero e à raça a segundo plano faz com que elas apareçam no debate político como questões relacionadas a determina-

dos grupos somente. Assim, gênero se torna uma questão que diz respeito às mulheres; sexualidade, uma questão que diz respeito à comunidade LGBT; raça, tão somente as pessoas negras.

O efeito disso é deletério. “No fundo, tem-se a ideia de que essas questões podem esperar, porque dizem respeito apenas às minorias. Há pessoas que podem esperar para ter a sua hora, para ter a sua vez no espaço público, na experiência democrática, nos conflitos políticos”, diz. “Gênero, sexualidade e raça não são questões periféricas, não são questões secundárias. Elas fazem parte do centro dos nossos debates. Elas têm a ver com as nossas lutas por direitos, com os nossos modos de existir”, ressalva.

Esse tratamento secundário é o que permite, inclusive, a apropriação desvirtuada dessas áreas com interesses meramente eleitoreiros. No caso, como formas de estigmatizar as pessoas pertencentes a determinados grupos, minimizando-as, erigindo barreiras para que não alcancem o protagonismo, o espaço democrático ao qual têm direito.

Religião

A relativização da temática de gênero, raça e sexualidade gera, pode-se dizer, uma apropriação negativa do poder político do tema – no sentido de negar a sua importância. Algo um pouco diverso acontece em relação à religião. Nesse aspecto, há, pode-se dizer, uma exploração “positiva” da fé religiosa, uma sublevação desse aspecto como forma de reforçar uma identidade para auferir lucros políticos.

O exemplo emblemático está caracterizado da bancada evangélica. Éfrem demonstrou, com exemplos práticos, que há uma utilização desmesurada da religião para instrumentalizar os corpos, assim como acontece com a raça, gênero e a sexualidade. Nestas, contudo, o viés é de excluir e enfraquecer os corpos distintos. Naquela, aproximar e fortalecer os corpos semelhantes.

Cria-se, assim, um sólido instrumento político para dominar os espaços de decisão, refratário a opiniões adversas. “O nosso dilema é o fato de que hoje nós vivemos uma relação muito conflituosa com determinados setores que se organizam de acordo com uma religião. Basta que nós olhemos, por exemplo, para o Congresso Nacional, para visualizarmos existência de uma autodenominada ‘bancada evangélica’”.

Éfrem, convém destacar, não nega a importância da religião para o estado democrático. “A religião não necessaria-

mente é um mal. É parte do que nos forma. Participa do nosso cotidiano e, inclusive, das nossas formas de mobilização política. Os nossos direitos, as nossas lutas por justiça, as nossas lutas por igualdade. Todas essas dimensões estão flagrantemente ligadas às formas de organização religiosa. Logo, religião não precisa ser algo ruim, compreendem? Não é sinônimo de alienação. Pode significar luta!”, afirmou.

A sua crítica, no caso, é voltada para uma exploração da religião como forma de política excludente, que erige barreiras preconceituosas com fins meramente eleitoreiros. A religião utilizada como alicerce de iniciativas agressoras, como palanque para o aumento de uma bancada descompromissada com a diversidade do tecido social. Uma mobilização baseada na cultura do medo.

“Esses projetos eles mobilizam uma série de pânico morais ou de pânico sexuais. A maior parte deles tem pouca possibilidade de aprovação no Congresso Nacional. No entanto, eles angariam muita atenção para os parlamentares que os propõem. De algum modo, esse pessoal dessa bancada conservadora se mobiliza politicamente através dessas pautas. Por exemplo: ‘Vamos transformar a cura gay num problema.’ Talvez essas pessoas nem acreditem na existência da tal cura gay, mas se alega a possibilidade de cura gay porque, certamente, isso angaria a atenção, isso aproxima os holofotes, e esta é a forma desse conservadorismo travar a disputa política, através da mobilização desses pânico.”



Não retroceder

Manter as conquistas de uma educação inclusiva é o maior desafio atual dos professores diante da onda conservadora no país

Ao tema proposto, “Educação e currículo na perspectiva humanizadora”, a professora Fabiana Costa, da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), sugeriu acrescentar dois termos: “Educação e currículo na perspectiva humanizadora, transformadora e emancipadora. Essas três palavras, quando a gente pensa de forma mais abstrata, teórica, elas têm um significado. Quando essas três palavras, contudo dizem respeito à nossa ação diária, enquanto educadores, elas assumem um outro desafio.”

Um desafio que se tornou ainda maior em virtude da retomada do conservadorismo ao ensino brasileiro. É inegável que a educação passou, na última década antes da derrubada da presidenta Dilma Rousseff, por um período de evolução. Em que pese as dificuldades calcadas num passado conservador, a opção por um caminho progressista resultava em frutos. Os ventos, impulsionados sobretudo pelos movimentos sociais – feministas, indigenistas, da cultura negra, LGBT etc -, conduziam para uma educação em que o aluno ganhava aptidão para deixar de ser um simples produto do meio para se tornar protagonista, transformador do seu meio.

Evolução diretamente relacionada à diversidade da “sala de aula”. Pela presença do “outro”, entendido como as pessoas colocadas à margem da educação por um longo tempo, pelas políticas elitistas. Não a presença pela presença, tão somente. A integração deste “outro” em sua plenitude, reconhecendo os seus traços culturais, sem a pretensão de impor um modelo pré-moldado.

“Se a gente for pensar, é a presença desses outros, a entrada desses outros dentro da

escola que nos obriga a repensar um pouco as nossas práticas, o nosso currículo, as nossas ações”, destacou Lúcia Helena Alvarez, professora da Universidade Federal de Minas Gerais, que compôs a mesa com Fabiana Costa. “E aí eu me faço uma pergunta: o que é que os movimentos sociais esperam de nós, educadores comprometidos, já que eles, com essa luta, abriram tanto a possibilidade de uma escola mais democrática, mais participativa?”

Momento Atual

O questionamento da professora Lúcia Helena, acerca das expectativas, remete ao corte traumático do cenário favorável. Interrupção provocada pelo golpe que tirou Dilma Rousseff da presidência e instalou uma reto-



Fabiana Costa: a luta por uma educação humanizada, emancipadora e transformadora

mada do conservadorismo em todos os setores da sociedade, com reformas e mais reformas, sempre prejudiciais as classes oprimidas.

Na educação, são exemplos a reforma do Ensino Médio, comprometendo o currículo escolar, e a retomada do movimento “Escola sem Partido”, no sentido de tentar silenciar os professores. Fazê-los meros instrumentos de reprodução de conteúdo, de propagação de um conhecimento pasteurizado, desconexo das realidades sociais dos alunos. Uma educação massificada e alienante.

“Não é à toa que essas reformas estão vindo de uma forma tão rápida, tão fortes. É porque as conquistas nossas são muito grandes.

Então, a tentativa de abafar é grande também, é forte também. Eu entendi, na época do golpe, porque as camadas, a classe alta, os empresários, estavam querendo dar um golpe. Porque, realmente, a gente conquistou muita coisa”, opinou Lúcia Helena, respondendo, por fim, a questão por ela proposta sobre a expectativa dos movimentos sociais que impulsionaram a revolução educacional esperam dos educadores. “Eles esperam da gente uma articulação da cultura, da identidade, do território, da diversidade, da transformação social, ou seja, a escola jamais pode estar fechada nela mesma. A escola tem que ser muito mais do que escola, nesse sentido.”



Lúcia Helena citou a importância da integração entre a escola, o bairro e as pessoas

Durante a sua explanação, a professora Lúcia Helena apresentou uma experiência vivenciada por ela em que a “escola” promoveu a integração dos alunos com o local onde moravam. No caso, a escola Ulisses Guimarães e a comunidade do Papagaio, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A iniciativa tinha como proposta pedagógica “Um outro olhar sobre a escola, o bairro e a cidade”. Foi colocado aos alunos o “desafio” de transformar o espaço deles, a comunidade, num espaço agradável para todo mundo.

“Nesse projeto de conhecer e olhar sobre o bairro, uma conclusão que eles chegaram foi que o que tinha de mais bonito ali eram eles

Um outro olhar sobre a escola, o bairro e a cidade

mesmos! O resto era tudo muito feio. Eles eram a coisa mais bonita que tinha”, afirma a professora. “Então eles fizeram um projeto de fotografia. Eles se fotografaram, fizeram plotagens e espalharam pelo bairro.”

O resultado gerou impactos além do esperado em todos. “A circulação das crianças fez com que os adultos comessem a olhar mais para aquele bairro. Eu estive lá, passei num bar, e a senhora falou para mim: antes tinha muita gente bêbada aqui. Hoje eu não deixo mais. Nossas crianças passam por aqui”, narrou Lúcia Helena, para quem o maior legado do projeto foi o sentimento de pertencimento fomentado pelos alunos.

“Eles produziram um sentimento de pertencimento. Esse talvez seja o ganho maior, o pertencimento das crianças, dos jovens, das famílias daquele espaço. A possibilidade de uma intervenção, de uma transformação, de uma reivindicação do poder público de melhorias daquele espaço, e ao mesmo tempo o ganho grande de aprendizado.”

***“O que você diria a **Paulo Freire**
se tivesse a chance de lhe
escrever uma carta?”***



Professor Paulo Freire,

Você, muito provavelmente, estranharia os tempos de hoje. Porque, depois de tantos anos e após avanços sociais significativos, voltamos a viver tempos tão difíceis quanto os que você vivenciou. A nossa luta por uma educação libertadora que conduzisse a uma democracia real, com a participação efetiva de todos, continua urgente. Vem sofrendo os mesmos golpes. É o mesmo conservadorismo em ação. Mas a razão dessa carta é outra. É a própria carta.

Acredite, professor: as pessoas não costumam mais escrever cartas. Em parte, é culpa da modernidade. Há uma série de outras “cartas” fazendo as pessoas interagirem. Todos com nomes estranhos, importados. Primeiro, surgiu o e-mail. Uma espécie de carta sem correio. Sem tempo de espera. A carta vai e chega no mesmo segundo. A coisa “evoluiu”. Agora, quem quiser receber notícias do outro tem que ter um número de ‘Whatsapp’. O nome é complicado mesmo, mas o povo deu um jeito rapidinho. Quando chegou por aqui, chegou como ‘zapzap’. Ou apenas ‘zap’.

E, num ‘zap’, deixamos de conversar uns com os outros.

Mas a culpa não é só da modernidade, professor. É nossa. Há, em toda essa modernidade, em todos os ‘zaps’, uma superficialidade que nós mesmos cultivamos. Uma frieza sem caligrafia, sem rabiscos. Sem tempo. Ninguém espera. Ninguém responde. É impressionante, professor, como não temos tempo para mais nada. Para nós, para os outros. O tempo não nos pertence mais. O nosso tempo, professor, é um tempo de atropelos, de indiferença. Um tempo sem diálogo. É um tempo triste.

Por isso, a alegria em lhe escrever. Acredite, mestre, que ao entrar numa conferência de educação, me deparei com a seguinte mensagem: “O que você diria a Paulo Freire se tivesse a chance de lhe escrever uma carta?” No início, até achei que haviam errado. Mas não. Sobre a mesa, forrada com uma toalha branca, havia papel, caneta, envelopes e até uma caixa amarela dos correios. Era para escrever uma carta mesmo! E para você, companheiro!

Deixe eu lhe contar uma coisa: mesmo diante desse cenário aterrador nas relações humanas, estamos mais firmes que nunca. Lembra quando você viu na televisão a Marcha do MST rumo a Brasília em abril de 1997? Pois bem, estamos com aquela mesma energia. Lutando, essa luta permanente, por mais verbas para a educação. Você nem imagina, mas um governo forjado em um golpe político congelou investimentos sociais por 20 anos! Outro pior que assumiu agora em 2019 ataca nossa liberdade de cátedra. Estão criando mentiras que circulam na velocidade da luz. Para elas, novamente deram um nome em inglês: fake news. Tentam agora criminalizar e hostilizar professores e professoras em sala de aula. Querem incentivar estudantes a nos intimidar com telefones que carregam nos bolsos. Há cerca de 10 anos descobrimos uma rica reserva de petróleo debaixo do mar brasileiro, que pode ser nosso passaporte para um futuro de fortes investimentos em educação e saúde, para tentarmos saldar uma dívida de 500 anos com as pessoas pobres desse país. Você imagina, não é professor, como essa possibilidade deixou o capital internacional e as potências imperialistas nervosos? Trataram de arregimentar seus aliados aqui no Brasil para não deixar que pudéssemos seguir nosso caminho à uma verdadeira independência e soberania. Aqueles mesmos que você já conheceu outrora, que deram golpes, assassinaram, venderam nosso patrimônio, com outros nomes, às vezes os mesmos sobrenomes, mas os mesmos. E contra eles novamente estamos lutando.

Mas nada disso nos assusta. Continuamos nossa jornada. Nada mais estamos fazendo do que dando continuidade ao que nos ensinastes. Respostas às lições tão valiosas que você, amigo Paulo, nos deixou. Tão fortes, tão corajosas, tão amorosas, tão atuais, tão necessárias. Até a próxima.

Recife, 31 de dezembro de 2018

O Projeto Cartas a Paulo Freire

A “pesquisa da vida” da professora Bruna Sola da Silva Ramos surgiu numa carta. Uma não. Em várias cartas. As primeiras, escritas por Paulo Freire, com quem havia se “reencontrado” em 2010, ao ingressar na Universidade Federal de São João Del Rey, Minas Gerais. Estava formada em pedagogia há quase dez anos quando sentiu uma “necessidade avassaladora” de retomar os estudos sobre Paulo Freire.

Reencontrou, portanto, as cartas escritas pelo educador pernambucano: *Cartas a Cristina. Professora, sim; tia, não. Cartas à Guiné-Bissau. Pedagogia da Indignação*. E as levou para as atividades de sala de aula. Após estudá-las com os alunos, surgiu a ideia de que os alunos respondessem as cartas. Lançado em tom de desafio: “O que você diria a Paulo Freire se tivesse a chance de lhe escrever uma carta?”

“A gente fez um movimento muito bonito de estudo, teórico. Não era escrever carta por escrever. É bonito escrever uma carta para Paulo Freire? É, mas não era essa a tônica. A tônica era estudar a obra e escrever cartas em resposta ao que essa obra suscitou no seu processo de pensamento e de formação”, diz Bruna.

O Projeto da Vida

A resposta superou qualquer expectativa de Bruna. As respostas, na verdade. Praticamente todos os alunos responderam a Bruna e a Paulo Freire. E o que era uma atividade com os alunos no término de uma disciplina virou o “projeto da vida” de Bruna.

“Depois desse primeiro movimento, com os estudantes nesse final de disciplina, a gente teve ali elementos para pensar em como Paulo



Experiência na sala de aula com a obra de Paulo Freire se transformou no “projeto da vida” de Bruna Ramos

Freire está afetando a formação e o pensamento desses estudantes, que serão a nova geração de educadores. A partir dali eu comecei a entrar mais nesse universo das cartas. Aí é que veio a ideia de fazer um trabalho específico com os quatro livros-carta do Freire.”

O projeto amadureceu e ganhou um método. Começava com um estudo coletivo dos livros-carta de Paulo Freire. Era o que a professora chama de “momentos de reflexão coletiva”. Após essa fase, cada aluno escrevia uma carta em resposta. “Por que uma carta? Se você for pensar num pacto epistolar, a carta tem, sim, um desejo de resposta. Toda carta é escrita portando um desejo de resposta. Então a ideia era que a gente, em cima disso, respondesse a Paulo

“Mais importante do que uma carta ser realmente enviada é ela ser produzida, porque às vezes ela diz mais para quem escreve do que para quem vai receber”

Freire”, diz. “Mais importante do que uma carta ser realmente enviada é ela ser produzida, porque às vezes ela diz mais para quem escreve do que para quem vai receber”, acrescenta.

O estudo gerou mais de 200 cartas. De posse de todo esse material, ela deu seguimento aos estudos sobre Paulo Freire. E resolveu mergulhar fundo na vida do pernambucano. Desde março de 2018, está fazendo pós-doutorado na

Cátedra Paulo Freire, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob a orientação da professora Eliete Santiago. “Paulo Freire dizia que: ‘quem quer me conhecer, a ti conheça, Recife.’ Aqui estou eu”, diz ela, que até março de 2019 vai catalogar todas as cartas do projeto, no que pode resultar no término de mais um ciclo da sua pesquisa. Quem sabe, a carta de Bruna para Paulo Freire.

A Exposição

Bruna conhece cada uma das cartas escritas por seus alunos em detalhes. Emociona-se ao reler trechos. E divide as emoções ali expressadas. Boa parte dos registros estava na 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe. Integravam a exposição Cartas a Paulo Freire. Nela, Bruna não pretendia, tão somente, apresentar o seu estudo, mas para fazer um convite. Ao lado das cartas já escritas, havia papel, caneta e envelopes. Acima, um painel, no qual fazia, aos seminaristas, o mesmo convite que fizera aos alunos: “O que você diria a Paulo Freire se tivesse a chance de lhe escrever uma carta?”

Foi um momento mágico para os que se dispuseram a parar alguns minutos e reencontrar a escrita, como Edeildo de Araújo, 64 anos, coordenador pedagógico da Escola Nordeste da CUT, no bairro de Santo Amaro,



no Recife. “Assim, de punho, nem me lembro quanto tempo faz (que escreveu uma carta). Até quando nós escrevemos algum texto para o site da escola ou para o próprio Sindicato, é sempre diretamente no notebook. A prática de escrever, de colocar na carta, de selar... Mas como bom reviver essa nossa capacidade de se expressar, de direcionar o nosso pensamento ao próximo”, destacou ele.

Uma sensação por voltar a escrever e pelo desafio de endereçar a carta a Paulo Freire. “Eu me senti muito bem. Parecia que eu tinha muita intimidade. ‘Meu querido Paulo...’ Foi como se fosse aquela coisa, como ele dizia, não saudosista, mas com muita saudade, apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente. Mas é como se tivesse tido presente na nossa vida”, sintetizou a professora Terezinha de Jesus Diniz.

“Se a gente não cuidar do que é nosso, não vai ter dinheiro para fazer a educação”

Entender relevância das matrizes energéticas para o mundo é essencial para compreender a razão dos interesses internacionais nas matrizes energéticas do Brasil e a necessidade de defendê-las

O “nosso” faz referência a todas as riquezas brasileiras. Em especial, às fontes energéticas e petrolíferas que, com a ascensão do conservadorismo a partir do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, entraram na mira das privatizações, de uma política que pavimentava a entrega dos maiores ativos econômicos do país a empresas internacionais.

O alerta foi feito pelo diretor da Federação Única dos Petroleiros (FUP), João Antônio de Moraes, durante a 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe. Vestido com o macacão laranja típico dos petroleiros, ele chamou a atenção para a necessidade de democratizar o debate sobre as reservas naturais do Brasil para que todos tenham conhecimento do que está em jogo.

“O tema da energia muitas vezes é tratado como um tema para especialistas, para técnicos, para estudiosos. Não pode ser assim. A disputa por energia no mundo é tão grande que um país que detém reservas energéticas como o Brasil, se não tiver a população como um todo, conhecendo a importância dessa riqueza, certamente se terá muitas dificuldades para defender. Ou o povo brasileiro toma conhecimento, se apropria do que representa essa defesa, ou inexoravelmente será roubado.”

Soberania Energética

Primeiramente, é preciso entender o que está sendo “roubado”. O que movimenta os interesses internacionais em direção às riquezas energéticas do Brasil. De acordo com Moraes, a energia é o segundo item na lista das demandas mundiais que mais crescem ano a ano. Fica atrás apenas da água – está, portanto, à frente dos alimentos.

“Anualmente, precisamos acrescentar no consumo humano, em todo planeta, 3,2% a mais de energia, 1,5% de alimentos, 1,3% de materiais gerais e 3,7% de água. Percebam: anualmente, a necessidade por energia está aumentando mais do que a necessidade de alimentos”, revela.

“Isso faz com que o debate desse tema se torne algo de muitas disputas pelo mundo. E, no nosso caso em particular, onde a água é a nossa principal fonte de energia elétrica? Isso liga as duas coisas à disputa pelo nosso país”, acrescenta Moraes. Isso contribui para que a matriz energética nacional seja uma das mais diversificadas do mundo, além de ser uma das mais renováveis.

Petróleo

A riqueza energética nacional atraiu ainda mais olhares com a descoberta do pré-sal, durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Moraes lem-

bra que petróleo ainda é responsável por 50% da energia que se consome no mundo para sentenciar: “o pré-sal brasileiro é a maior reserva de petróleo descoberta no mundo nos últimos 30 anos.”

“Essa área do pré-sal, são reservas de cerca de 100 bilhões a 300 bilhões de barris de petróleo. Em mais de 60 anos de Petrobrás, nós chegamos a 14 bilhões de barris. Nós consumimos diariamente cerca de 2 milhões de barris”, afirma. “Isso significa que o pré-sal é mais do que 10 Petrobrás. É isso que o Temer está entregando. É isso o que o golpe está franqueando”, afirma Moraes, destacando que o Brasil, até pouco tempo, era o

único a deter a tecnologia para alcançar o petróleo em tal profundidade.

“O petróleo não tem segunda safra. Produziu, acabou. O pré-sal brasileiro, a natureza levou 150 milhões de anos para fazer. O pré-sal se constituiu quando os continentes ainda eram um só bloco, formavam a chamada pangeia. Aí, nós perguntamos: um bem, que a natureza levou 150 milhões de anos para fazer, que nós trabalhadores da Petrobrás levamos 60 anos para chegar, morreram dois trabalhadores por mês de acidente de trabalho... Que direito tem um governo, uma geração, de entregar isso para a ‘bacia das almas’?”, disse.

“ *Que direito tem um governo, uma geração, de entregar isso para a ‘bacia das almas’?* ”



João Antônio de Moraes ressaltou a importância do Brasil no cenário mundial como fonte energética

Convite para Antônios e Marias

Renovação da estrutura sindical é um desafio que as entidades vão enfrentar nos próximos anos para manter acesa a luta por espaços democráticos

Uma reflexão sobre o futuro. O futuro do país, da vida democrática, das novas revoluções “industriais” que surgem no horizonte. O futuro das lutas sindicais. Em sua 14ª Conferência Estadual de Educação, o Sintepe, enquanto coletividade de educadoras e educadores, teve o seu momento de reflexão. Uma autorreflexão provocada pelas palavras de Clemente Ganz Lúcio, diretor técnico do Dieese (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos). Um convite para que “Marias” e “Antônios” estejam presentes na 15ª edição da Conferência.

“Maria e Antônio, pelo levantamento que eu fiz nessa sala, não estão aqui. Maria e Antônio têm 20 anos. Talvez estejam terminando a formação deles na faculdade. Entretanto, a

luta dos trabalhadores que será feita nos próximos 30 anos, será a luta feita por ‘Marias’ e ‘Antônios’ que não estão dentro dessa sala. Se não entendermos isso, nós não vamos entender o desafio que nós temos pela frente”, iniciou Lúcio, após pedir que quem tivesse até 20 anos, na plateia, erguesse a mão. Ninguém levantou o braço.

“Maria” e “Antônio” foram os nomes dos personagens principais da história-roteiro da palestra de Clemente. Protagonistas eleitos para mostrar a necessidade de aproximar o passado do presente. Chamar, para a luta democrática, a nova geração que surge. Com as tecnologias, perspectivas e anseios de uma nova “revolução industrial” que apressa e atropela o mundo.



Clemente Ganz Lúcio mostrou aos professores a importância de trazer a juventude para a base sindical



Conferencistas acompanharam atentos a palestra sobre as perspectivas do movimento sindical

“É necessário que Maria e Antônio percebam a razão de ser dessa luta. E que eles, no tempo que é deles, com as ferramentas deles, lutem. Por quem eles foram, que somos nós. Por quem eles serão.”

“Aqueles que olham para o futuro e tentam imaginar o que vai ser o futuro, dizem que nos próximos 10 anos, metade das ocupações que existirão nesses 10 anos futuros, não existe hoje. Metade da força de trabalho ocupada estará em empregos que nós não temos hoje. Que nós não sabemos quais serão os empregos e não temos a mínima ideia de qual será o sindicato para representá-los. Nós temos ideia o que significa esse tipo de mudança?”, questionou, respondendo na sequência.

“Significa que esse tipo de sindicato que nós temos hoje não tem ideia de qual vai ser o trabalhador que nós teremos para representar. O trabalhador que nós teremos que representar é a Maria e o Antônio que estão dentro de uma sala de aula e que estão sendo preparados para construir esse mundo. Mas a Maria e o Antônio não estão no sindicato. Pior do que isso: estão sendo formados para ter uma visão contra o sindicato. Pior do que isso: estão sendo preparados para dizer que o sindicato só tem bandido e vagabundo. E nós não estamos preocupados com isso. Bom, se nós não mudarmos a nossa preocupação, provavelmente ‘Marias’ e ‘Antônios’ não estarão aqui para assumir a central sindical em Pernambuco em 2050, porque, provavelmente, em 2050 a central sindical não existirá.”

Continuar

Em meio a essa revolução que atropela o tempo, não há como apresentar uma direção correta ou segura para seguir. Nem para para Maria, nem para Antônio, nem para o sindicato. O que é possível afirmar, contudo, é que é necessário seguir juntos. É preciso renovar a luta pela democracia. É preciso abrir as portas e escutar Maria e Antônio. É necessário que Maria e Antônio percebam a razão de ser dessa luta. E que eles, no tempo que é deles, com as ferramentas deles, lutem. Por quem eles foram, quem somos nós. Por quem eles serão.

“Muitos de nós não veremos essas revoluções, porque morreremos antes. Mas nós já fizemos outras revoluções. Essa que vem pela frente provavelmente não é a nossa. Participaremos dela em parte. Maria e Antônio serão os protagonistas em tempo integral desse movimento. Por isso, se Maria e Antônio não estiverem dentro desse nosso sindicato, esse nosso sindicato não será capaz de produzir a transformação que ele precisa produzir para fazer o sindicato que responda aos desafios que eles, Maria e Antônio, vão ter que enfrentar.”

Os frutos do diálogo

Terezinha de Jesus Diniz Simões de Medeiros, 53 anos, professora e coordenadora pedagógica do EREM Clementino Coelho, em Petrolina.

Antes: “A expectativa é exatamente se fortalecer para a luta. A gente não só está na expectativa de lutar por direitos, mas de não perder os direitos. É uma questão de luta, de resistência, de esperança.”

Depois: “Momentos assim são importantes também para a gente repensar a nossa prática como educadora. Saio com muita esperança e colocando uma nova palavra nas minhas ações: insurgir contra tudo que está aí que não é o que nós queremos”



Maria da Conceição Batista Cavalcanti, 49 anos, professora de Geografia e História na Escola Estadual Vila João de Deus, em Jaboatão, Região Metropolitana do Recife.

Antes: “Chego para participar da Conferência com uma grande expectativa, principalmente pela situação política que nos encontramos. Há várias lideranças participando da Conferência e será interessante ver o posicionamento delas.”

Depois: “Saímos daqui mais informados e firmes. Vivenciamos aqui situações que a gente vai poder utilizar no nosso dia a dia, conhecimentos que têm que ser reproduzidos em nossas escolas.”



Lucivanda Patricia Rodrigues Caetano, 46 anos, professora da Escola Estadual Ernesto de Souza Leite, em Tuparetama.

Antes: “Minha expectativa enquanto professora e militante é para que a gente saia desse encontro mais fortes para voltar à nossa base, que é o chão de nossa sala de aula. Já acertaram na escolha do tema”

Depois: “Todas as mesas de debate foram proveitosas. Elas vieram com temas que realmente fortalecem tanto a nossa prática de sala de aula como o nosso dia-a-dia”



É possível dizer que os 400 educadores que participaram da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe saíram mais fortalecidos para os desafios que terão pela frente. Palavras deles mesmos. A Revista Educar selecionou sete conferencistas e os escutou em dois momentos: antes do evento, quando falaram das suas expectativas; e após, quando comentaram os resultados.



Íris Rodrigues de Moura, 59 anos, professora da Escola Carneiro Leão, em Camaragibe

Antes: “A expectativa é de renovação porque estamos em um momento muito difícil. É necessário a gente rever Paulo Freire. Renova minha esperança”.

Depois: “Não tenho dúvidas de que vivemos um momento de muita riqueza cultural e democrática. Saímos daqui com a certeza de que não podemos ficar calados, temos que levar todo esse aprendizado adiante”



Isaac Barbosa Veiga Filho, 47 anos, professor. do EREM João Pessoa Souto Maior, em Sairé, e da Escola Estadual Padre José Augusto, em Bonito, município onde reside

Antes: “Estive na última Conferência, há dois anos, mas me sinto um principiante. Sempre há uma nova perspectiva de como a gente vai se levantar diante dos novos desafios, principalmente nessa conjuntura que está aí.”

Depois: “Chegamos à conclusão de que esse encontro não acaba aqui. Temos que levar tudo o que foi tratado nessa Conferência para as bases, ampliar as discussões. Com os professores e até com os próprios alunos”



Abgail Vieira dos Santos, 45 anos, professora de apoio na Escola Estadual Professora Margarida de Lima Falcão, em Pesqueira.

Antes: “Num momento de tanta desesperança que nosso país está enfrentando, chegamos com a melhor das expectativas, trazendo Paulo Freire para esse momento, trazendo mais esperanças para o nosso povo”

Depois: “A Conferência atendeu a expectativa, porque a gente saiu daqui com o gás renovado para a luta. Compartilhamos ideias, discutimos o que a gente não concorda. Isso faz a gente crescer para ir à luta. Resistência sempre!”.

Todos os presidentes

Presença das cinco pessoas que lideraram o Sintepe desde a sua fundação atestou a relevância da 14^a Conferência Estadual de Educação do Sindicato

Cinco pessoas exerceram a função de presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Sintepe) desde a sua fundação, em março de 1990: Horácio Reis, Paulo Valença, Teresa Leitão, Heleno Araújo e Fernando Melo – este último, o atual presidente. E todos eles fizeram questão de comparecer à 14^a Conferência Estadual de Educação do Sintepe, realizada em Gravatá. Uma demonstração de força e união necessária diante do momento crítico enfrentado pela democracia brasileira.

Primeiro presidente da história do Sintepe, Horácio Reis lembrou a origem de luta do sindicato, no período de abertura democrática do país, para reforçar que a categoria nunca deixará de defender a democracia brasileira. Luta que passa pelo fortalecimento da área educacional, com a garantia de investimentos para o setor, reconhecimento de direitos e autonomia.

“Para mim, é muito importante (o Sintepe) ter surgido num momento de redemocratização do país, ter passado por toda aquela luta em defesa das eleições diretas para presidente. É bom lembrar que foi um momento de demo-



Horácio Reis, Paulo Valença, Teresa Leitão, Fernando Melo e Heleno Araújo: todos os presidentes do Sintepe estiveram na Conferência

cratização também para a educação, por meio da eleição para os diretores de escola. E hoje nós estamos novamente nessa luta, tentando, por incrível que pareça, redemocratizar o país novamente”, disse.

Reeleita deputada estadual nas eleições 2018, Teresa Leitão endossou as palavras do companheiro, destacando que o compromisso do Sintepe sempre foi além das questões relacionadas aos direitos dos professores. “Mais uma vez o Sintepe acerta em suas conferências de educação, tratando de temas para uma reflexão político-pedagógica e ao mesmo tempo fazendo uma análise do que está ocorrendo tanto nas políticas educacionais quanto no cotidiano das escolas. Amplia o leque cada vez mais e isso demonstra uma concepção de sindicato que não quer apenas lutar por melhores salários. Quer lutar por melhores salários, e é necessário que faça isso, mas quer sobretudo que tenhamos nas salas de aula verdadeiros educadores e educadoras.”

Atual presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores de Pernambuco, Heleno Araújo destacou que, mais do que a presença de todos os presidentes, a união demonstra uma convergência de anseios e diretrizes. Um movimento contínuo na evolução da educação o estado e do país.

“Isso mostra que todos os que estiveram à frente do Sintepe têm um compromisso com a nossa base, compromisso com a sua formação

continuada e, sobretudo, respeito pelo debate, sobre a política educacional e pelo processo de construção coletiva dessa política”, disse. “Juntos, nós construímos as perspectivas para o futuro que queremos para educação no estado de Pernambuco, o que queremos para o conjunto dos trabalhadores em educação”, arrematou.

PAULO FREIRE

Os presidentes comentaram, ainda, sobre a “presença” de Paulo Freire norteador os debates. Uma “presença” extremamente necessária, como destacou Horácio Reis. “Paulo Freire faz parte de toda essa caminhada. Paulo Freire foi um educador, e será sempre o nosso educador, que começou a mostrar para a população uma experiência positiva na perspectiva de alfabetizar aqueles brasileiros que não tinham acesso à escola. E por esse motivo Paulo Freire foi perseguido, foi preso, foi colocado para fora do país. E tudo isso nos remete para a realidade de hoje”, afirmou.

“Eu me senti muito honrado, lisonjeado em estar aqui. E aprendi muito! Tudo o que Paulo Freire nos ensinou, da questão da Pedagogia do Oprimido, que é preciso a gente conhecer para poder defender, construir essa consciência política, vimos aqui. Eu tenho o maior orgulho de fazer parte dessa história e sempre digo que valeu a luta, está valendo e vai valer muito mais”, destacou Paulo Valença.



Fernando enalteceu a importância da presença dos seus antecessores na conferência: “É uma honra tê-los ao meu lado.”

Atual Presidente

Para o atual presidente do Sintepe, Fernando Melo, a presença dos seus quatro antecessores na Conferência deste ano demonstra claramente a força coletiva do sindicato. Que o Sintepe foi, é e continuará sendo, uma construção coletiva e democrática. “Além de ser uma grande honra tê-los ao meu lado aqui, contar com a participação deles nesse encontro, e de outras pessoas que colaboraram de forma fundamental com a construção do sindicato, mostra que esse compromisso de luta coletiva pelos nossos direitos, pela nossa democracia, está mais latente do que nunca. Nós estamos juntos aqui e sempre estaremos unidos pelas causas dos professores, para lutar pela democracia.”

Convite às propostas

Cinco dos sete então candidatos ao Governo do Estado estiveram presentes na Conferência do Sintepe para dialogar sobre os projetos para a educação pernambucana

Não foi um debate daqueles em que prevalecem ataques pessoais e intrigas. Afinal de contas, a intenção do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (Sintepe) ao convidar os então candidatos ao Governo do Estado – eleição que terminou no 1º turno, com a reeleição de Paulo Câmara (PSB) -, era fazê-los dialogar com os profissionais de educação. Cinco aceitaram o convite do Sintepe e estiveram presentes: Ana Patrícia (PCO), Dani Portela (PSol), Julio Lossio (Rede), Maurício Rands (PROS) e Simone Fontana (PSTU). Não estiveram presentes Paulo Câmara e Armando Monteiro (PTB).

O diálogo foi um dos últimos momentos da 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe. Não houve perguntas entre os candidatos. Cada um teve 10 minutos para apresentar as suas pro-

postas para a educação, em ordem estabelecida por sorteio prévio. Na sequência, foram sorteados três educadores presentes no debate para fazer uma pergunta cada, relacionada à educação, para ser respondida por todos os candidatos – cada candidato teve três minutos para responder. Ao fim, cada candidato teve dois minutos para as suas considerações finais.

Todos os candidatos presentes enfatizaram em suas falas motes recorrentes em discursos políticos, mas pouco efetivados na prática. Destacaram a necessidade de valorização dos professores, de combater problemas como a evasão escolar e de promover a estruturação da educação pública. Apesar de não terem sido eleitos, contudo, vale ressaltar que muitos possuem correligionários eleitos nos legislativos que podem, sim, lutar pelas bandeiras erguidas no debate.



Maurício Rands (PROS), Ana Patrícia (PCO), Julio Lossio (Rede), Simone Fontana (PSTU) e Dani Portela (PSol) dialogaram com os professores

Esclarecimento

Não há educação fora das sociedades humanas
e não há homem no vazio.

O esforço educativo que desenvolveu o Autor e que pretende expor neste ensaio, ainda que tenha validade em outros espaços e em outro tempo, foi todo marcado pelas condições especiais da sociedade brasileira. Sociedade intensamente cambiante e dramaticamente contraditória. Sociedade em “partejamento”, que apresentava violentos embates entre um tempo que se esvaziava, com seus valores, com suas peculiares formas de ser, e que “pretendia” preservar-se e um outro que estava por vir, buscando configurar-se. Este esforço não nasceu, por isso mesmo, do acaso.

Foi uma tentativa de resposta aos desafios contidos nesta passagem que fazia a sociedade. Desde logo, qualquer busca de resposta a estes desafios implicaria, necessariamente, numa opção. Opção por esse ontem, que significava uma sociedade sem povo, comandada por uma “elite” superposta a seu mundo, alienada, em que o homem simples, minimizado e sem consciência desta minimização, era mais “coisa” que homem mesmo, ou opção pelo Amanhã. Por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeitos de sua História. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se “descolonizasse” cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos. Este é o dilema básico, que se apresenta, hoje, de forma iniludível, aos países subdesenvolvidos — ao Terceiro Mundo.



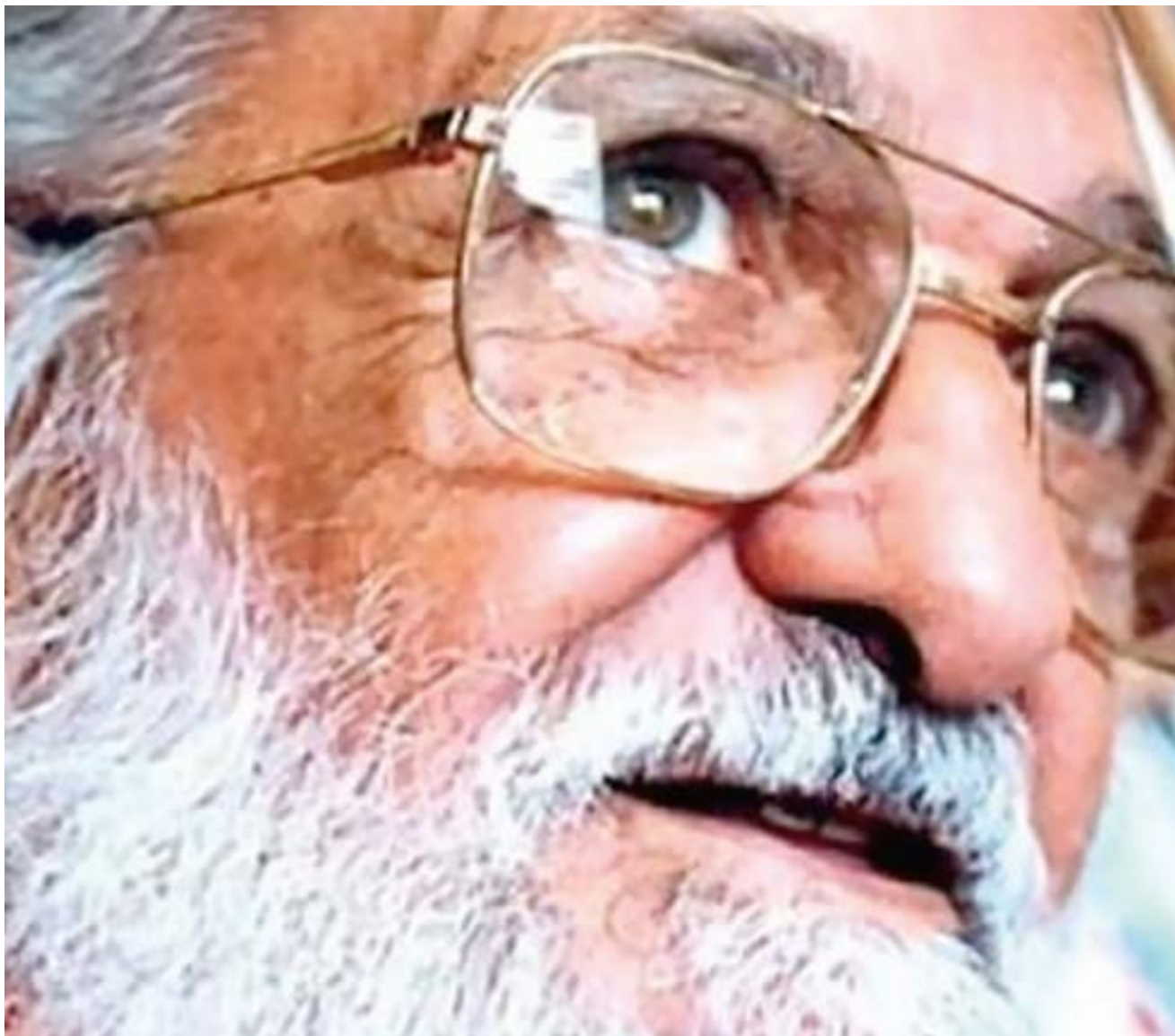




A educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. A opção, por isso, teria de ser também, entre uma “educação” para a “domesticação”, para a alienação, e uma educação para a liberdade. “Educação” para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito.

Todo o empenho do Autor se fixou na busca desse homem-sujeito que, necessariamente, implicaria em uma sociedade também sujeito. Sempre lhe pareceu, dentro das condições históricas de sua sociedade, inadiável e indispensável uma ampla conscientização das massas brasileiras, através de uma educação que as colocasse numa postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. Estava e está convencido o Autor de que a “elevação do pensamento” das massas, “o que se sói chamar apressadamente de politização”, a que se refere Fanon, em *Los Condenados de la Tierra*, e que constitui para ele uma forma de se “ser responsável nos países subdesenvolvidos”, começa exatamente por esta auto-reflexão. Auto-reflexão que as levará ao aprofundamento conseqüente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras.

Nunca pensou, contudo, o Autor, ingenuamente, que a defesa e a prática de uma educação assim, que respeitasse no homem a sua ontológica vocação de ser sujeito, pudesse ser aceita por aquelas forças, cujo interesse básico estava na alienação do homem e da sociedade brasileira. Na manutenção desta alienação. Daí que coerentemente se arregimentassem — usando todas as armas contra qualquer tentativa de aclaramento das consciências, vista sempre como séria ameaça a seus privilégios. É bem verdade que, ao fazerem isto, ontem, hoje e amanhã, ali ou em qualquer parte, estas forças distorcem sempre a realidade e insistem em aparecer como defensoras do Homem, de sua dignidade, de sua liberdade, apontando os esforços de verdadeira libertação como “perigosa subversão”, como “massificação”, como “lavagem cerebral” — tudo isso produto de demônios, inimigos do homem e da civilização ocidental cristã. Na verdade, elas é que massificam, na medida em que domesticam eendemoniadamente se “apoderam” das camadas mais ingênuas da sociedade. Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora e por isto respeitadora do homem como pessoa.



Este ensaio tentará um pouco da história, dos fundamentos e dos resultados deste empenho no Brasil. Empenho que custou a seu Autor, obviamente, o afastamento de suas atividades universitárias, prisão, exílio. Empenho de que não se arrepende e que lhe valeu também compreensão e apoio de estudantes, de intelectuais, de homens simples do povo, engajados todos eles no esforço de humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira. A estes, entre os quais muitos estão pagando na prisão e no exílio, pela coragem da rebeldia e pela valentia de amar, oferece o Autor este ensaio.

Santiago,
Primavera de 65.
Paulo Freire.

Gente em movimento

Houve debate, reflexão e muito aprendizado durante a 14ª Conferência Estadual de Educação do Sintepe. Houve, também, tempo para apresentações culturais, reencontros e descontração. Até um “concerto” improvisado de piano, durante as refeições. Nas páginas seguintes, alguns desses momentos que ficarão marcados entre os conferencistas

abertura











atividades culturais

DEMOCRACIA
ESCOLA
ESCRITA
AMOR
ANÁLISE
PETRÓLEO
PROFESSORES
DIÁLOGO
PROFESSORAS
RELACIONAMENTO
EDUCAÇÃO
ESPERANÇA
PAZ
ESTUDANTE
POLÍTICA
REALIDADE
LUTA
PROPOSTA
CORPO
IDEIAS
SINDICATO
TRABALHADOR
COMPROMISSO



SINTEPE
CNE CUT

**Sindicato dos Trabalhadores
em Educação do Estado de Pernambuco**

Rua General José Semeão, 39, Santo Amaro
Recife, Pernambuco | CEP: 50050-120
Telefones: (81) 2127.8866 / 2127.8876



sintepernambuco



sintepoeficial



sintepedigital